

## **POR TRANSFORMAÇÕES EM TORNO DA CONSERVAÇÃO DO VIVER: reflexões no tempo presente**

Karla Rosane do Amaral Demoly<sup>1</sup>

A leitura atenta do texto de Vitor Pordeus (2020) “Immuno Psychiatric Pandemics: the medium is the message“ é um convite para - conversar - na forma da escrita. Vitor Pordeus é médico psiquiatra transcultural brasileiro e ator que se dedica há 30 anos em trabalho transformador no campo da promoção da saúde mental.

Na sua escrita, Pordeus convida para uma reflexão em busca de clareza sobre o que nos acontece neste grave momento que vivemos. Acolho este convite para a reflexão, estamos a tecer redes que se contrapõe a outras redes, porque os pontos e nós se tecem na busca da conservação de um viver com saúde, alegria, amorosidade.

Sou Karla Demoly, professora e cientista. Tenho 56 anos e me dedico desde os 18 anos em ações diretas e estudos sobre educação popular e comunitária, educação inclusiva e, mais recentemente, desde o ano 2012, sobre saúde mental nas comunidades. Agir junto aos que estão próximos diretamente, este é um fazer que é preciso destacar e fico imensamente feliz ao me deparar nas redes com amigas e amigos cientistas de longo tempo, o que me oportuniza estar em redes imensas e potentes que escolho tecer.

Observo que a pandemia do coronavirus, Covid-19, fez com que dirigentes de países e organizações se decidissem de que era urgente parar a produção, ficar em casa, proteger as vidas. Estes se ocupam da proteção da vida? Como as redes socio-técnicas e políticas se reorganizam no momento que vivemos? Narrativas invadiram as casas, mobilizaram pesquisadores, as comunidades todas, uma perturbação imensa que requer abertura de espaço e tempo para reflexão.

---

<sup>1</sup> Pós Doutora em Ciências da Educação, na especialidade de Filosofia e História da Educação. - Universidade do Minho - Braga PT.

Realizou formação em Biologia do Conhecimento e biologia Cultural - Instituto Matriztica - Santiago do Chile.  
Doutora em Informática na Educação pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação - UFRGS - Porto Alegre/RS/Brasil com Doutorado Sandwich no Laboratoire Anthropologie de l'Écriture na EHESS - Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris/France.

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFRGS

Docente do Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições - UFERSA.

Coordenadora do Programa Oficinando em Rede de Mossoró: linguagens, artes e tecnologias promovendo cuidado e aprendizagem na saúde mental e na educação inclusiva. Ações de extensão, pesquisa e ensino. UFERSA.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3609545420379153>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0>

Sim, estou de acordo de que precisamos ficar em casa, mas o projeto de vida que construo como mulher, mãe, cientista não se organiza segundo as mesmas premissas emocionais dos donos do poder político e econômico.

Instituições da economia, lideranças políticas, gestores, ficamos a acompanhar as narrativas, a observar imagens veiculadas nas mídias e as ações e nos perguntamos em torno do que estas são construídas. É preciso observar as “premissas emocionais” alerta Maturana (2006) e o que mais me parece passível de nossa observação é que as premissas não me parecem ancoradas no Amor como condição constitutiva da vida. Há falta de diálogo e de esclarecimentos baseados no que temos como melhor na ciência comprometida com a vida.

Uma conjunção de interesses e projetos se tecem e um sistema falido busca rapidamente se reorganizar, um sistema opressor que se sustenta e fortalece na lógica de busca do êxito individual, da manutenção da competitividade, do incremento da produção e na busca de mais crescimento, um sistema que, cego, não está interligado com a conservação do viver.

Considero a escrita como um ato, forma de agirmos neste nosso mundo comum. Aqui teço uma reflexão que compartilho para seguirmos pensando.

Este é o momento de todos nós, cientistas, nos dedicarmos em ações efetivas de apoio e solidariedade com todos os que estamos a cuidar e trabalhar nas nossas comunidades mais próximas. E, ainda, observar, estudar, trabalhar para esclarecer, conversar, acompanhar nossas famílias e comunidades.

Ao mesmo tempo, é necessário nos fazermos verdadeiramente perguntas não triviais, pertinentes ao nosso tempo, para nos situarmos diante do trabalho que realizamos como cientistas. Nesta escrita, busco apoio e inspiração nesta rede imensa e linda de colegas cientistas e artistas que trabalham de modo a apoiar as comunidades mais frágeis e que promovem com sua ciência e arte, a opção pela produção da beleza que implica o ser-viver como humanos. Somos seres amorosos e aqueles com quem teço e fortaleço redes consideram esta explicação constitutiva e biológica referida à nossa condição humana como crucial. E destaco Paulo Freire, Humberto Maturana e Nise da Silveira para estarem mais pertinho nesta escrita, cientistas que me ajudam dia a dia na construção de projetos e ações.

## O GRAVE MOMENTO QUE VIVEMOS

Somos invadidos, diariamente, por uma narrativa de que precisamos produzir mais e mais. Os meios adotam a perspectiva da globalização e da necessidade de contínua produção em torno da concentração de riquezas. Ainda nas salas de aula, no início deste ano letivo de 2020, interrompido devido à crise que vivemos, os estudantes respondiam da seguinte forma à pergunta que lancei sobre qual o projeto mais importante na formação universitária: “Quero me inserir no mercado de trabalho”. Esta narrativa fica mais fortalecida quando se deparam com um sistema educativo no qual as discussões são pautadas nas exigências de boas notas, sem uma reflexão mais profunda e pertinente sobre os conteúdos e as formas como os conhecimentos são construídos e, o mais importante, sobre como conceitos, situações e procedimentos interagem para resultar em aprendizagem e em projetos que beneficiem melhorias no viver das comunidades. A rede opressora está fortemente tecida, mas foi interrompida, favorecendo nossa necessária reflexão.

Nossas mentes/corpos parecem capturados por estes dispositivos que constroem nós em uma imensa rede opressora que fere a criatividade, o potencial cognitivo e a possibilidade de opção pela beleza e não pelas misérias e atrocidades no transcurso de nossa experiência humana.

Instituições e mídias, as redes sócio-técnicas preponderantes cristalizam os projetos de um poder que demanda incessantemente uma produção que vem agredindo e maltratando a todos em nosso planeta GAIA - TERRA.

Pois bem, a produção cessou e nós aqui estamos a conviver com as perdas daqueles que não puderam ter os meios para se protegerem desta que é uma consequência do viver que escolhemos fortalecer e construir, mais uma pandemia.

Precisamos compreender que aqueles que enriquecem e poluem o planeta, aqueles que nos fazem produzir sem uma reflexão sobre os efeitos do que estamos a produzir, se preparam também para o modo como vão propor a retomada nas suas redes de exclusão, de exploração e de destruição. Cegos, tecem este sistema já falido e querem que nós todos sigamos nos movimentando para produzir o que não se coloca como necessário e urgente, que é justamente o rompimento com este sistema.

Nesta parada reflexiva nós também estamos a nos reorganizar para, ao retomar as ações, definirmos outras mais potentes e inventivas. Todos nós precisamos e podemos deixar de tecer projetos e ações nas nossas vidas sem uma reflexão necessária sobre os efeitos dos mesmos sobre o tecido de nossa comunidade.

Como pedagoga interessada nos temas da educação inclusiva e da saúde mental, vou destacar alguns dentre tantos amigos cientistas que muito me inspiram para, desde aí, compartilhar as perguntas que me coloco neste momento.

### **PAULO FREIRE - A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**

Autonomia tem que ver com tomar nas mãos a própria vida e decidir o que queremos conservar/transformar neste mundo.

Freire considerou que todos os cidadãos são capazes de aprender e de tornarem-se responsáveis pelo mundo que constroem.

O que estaremos a fazer após este período de isolamento necessário, aqui me referindo as ações diretas nas comunidades? Eu me coloco muitas perguntas que me parecem importantes para todos nós:

Estávamos a produzir incansavelmente alimentos. E nos supermercados a maior parte do que nos é oferecido resulta em ataque a nossa saúde.

- Como produzimos os alimentos? - Como é feita a distribuição dos alimentos?  
- Como cuidamos para que os alimentos que consumimos estejam fortalecendo nossa saúde e não nos matando?

- Como habitamos as grandes e pequenas cidades? - Como os gestores e nós mesmos fazemos para que todos tenham saneamento básico, um lugar bonito para morar, acesso à educação com aprendizagem, acesso à coletivos que se dedicam à saúde comunitária?

- Quais tecnologias que deixamos de produzir nesta parada e que são efetivamente necessárias? - Como as mesmas contribuem para preservar e melhorar o viver, considerando aqui todos os seres vivos? Precisamos fazer o que estamos a fazer?

- Quais são as emoções que sustentam os projetos de vida e formação? Como o Amar a si e ao outro se concretizam em cada gesto/palavra em nosso cotidiano?

- Como defino as minhas ações com os outros? Como me relaciono com os outros seres da natureza? - Como me alimento?

- Como aprendemos-ensinamos nas universidades? - Sob que bases teóricas/epistemológicas organizamos as ações de avaliação? Como produzimos conhecimento e potencializamos a vida? Quais as premissas emocionais que estão a sustentar os modos de agir e avaliar? - Como atentamos para a saúde mental de nossos estudantes, nossa como docentes? De nosso técnicos?

- Quais atividades que foram suspensas no âmbito da produção em geral não mais gostaríamos que continuassem a acontecer da forma como estavam em nossa comunidade/cidade/país?

- Como acreditamos que estas atividades precisariam acontecer, de modo a fortalecer e conservar a vida?

- Que novas ações/projetos poderemos realizar como trabalhadores, cientistas, artistas, de modo a romper com o sistema de exclusão e ataque aos seres da natureza?

As perguntas fazem disparar processos de reconfiguração do viver, são valiosas neste momento. E o convite para fazer perguntas é uma forma de ação, para suspender as certezas e poder refletir se o que considerávamos válido, segue sendo válido no momento seguinte. Podemos e é imprescindível nos permitirmos esta reflexão, também nós cientistas precisamos a todo momento suspender o que pensamos para escutar as perguntas das comunidades e, desde aí, poder conversar.

Nise da Silveira nos traz ferramentas preciosas para pensar, para aprender a escutar e a conversar, com um destaque aqui para a noção de “afeto catalisador” tão vital em tempos de falta de diálogo.

### **NISE DA SILVEIRA E O AFETO CATALISADOR**

Aprendemos que o afeto é catalisador, como nos ensinou com vida e obra Nise da Silveira (2017). O “afeto catalisador” se fez presente no modo como nossa brilhante psiquiatra brasileira construiu todo o seu percurso de trabalho. Nise construía espaços, ambientes e tempos sensíveis para que as imagens dos traumas de seus clientes emergissem, por meio de pinturas e modelagens. E Fernando Diniz, um dos seus clientes, esclarece: - “Mudei para o mundo das imagens”. Nas pinturas, Fernando passou a agir, a lidar com imagens e a narrar sobre como estas imagens emergiam das profundezas do inconsciente.

Imagens se destacam hoje e nos colocam diante de perdas e dos efeitos mais destrutivos de nossas escolhas como modo de viver.

Estamos em um mundo adoecido. Como brasileira sei que carrego as imagens em minha mente de traumas que tem relação com minha constituição. Como brasileira, temos as imagens de traumas que nos são comuns: massacre dos índios, país de colonizados, escravidão de nossos irmãos negros.... Construimos sofrimentos que repetimos, ou então, fazemos diferente.

Estar ao lado, escutar, acolher, conversar.... produzir o afeto que cataliza e que nos transforma na relação amorosa com os outros. Esta é uma possibilidade e urgência no nosso tempo.

E já estamos a responder, cada um, às perguntas que faz. Com cada ação, gesto e palavra, conservamos o que queremos viver e podemos romper com o que não queremos mais viver.

Donos do poder do capital também se articulam em torno de um projeto que lhes é comum, o próprio enriquecimento financeiro, enquanto se tornam mais e mais pobres de afeto e cuidado, todos adoecem. Nós podemos nos articular em torno da conservação do viver, da saúde, da alegria, do Amor como modo de acolher o outro, na diferença.

Há o que seguiremos fazendo e com ainda mais energia. E há ações mais amplas que precisamos deflagrar junto àqueles que estão, neste momento e nos próximos, na condução dos rumos em nossos países, estados e municípios. Urge restabelecer o diálogo continuado com os gestores e requerer que sejam continuados e abertos à todos nós cidadãos. Humberto Maturana é um cientista que nos ajuda a pensar, ao dar ênfase à noção de “redes de conversações” como modo de re-criar o mundo que vivemos. Ao estudar a manutenção do viver dos seres humanos, com Francisco Varela fez esta distinção que nos constitui como seres linguajantes. Seguiremos nesta direção a escrever, articulando o que nos acontece com ferramentas teóricas que são importantes (MATURANA e VARELA, 1995).

## **HUMBERTO MATURANA E AS REDES DE CONVERSAÇÕES COMO MODO HUMANO DE CONSERVAR A VIDA QUE QUEREMOS**

Sabemos que é preciso agir no conjunto de um sistema que vem nos maltratando a todos nos mais diferentes domínios. Na educação, na saúde, nas artes, no que estamos a produzir... porque todo fazer humano acontece em redes de conversações que se tecem no contínuo entrelaçamento dos modos de agir nas linguagens com as emoções que os sustentam.

A emoção constitutiva da vida humana é o amor, esta é nossa condição primeira que segue ou não no curso do viver em comunidade.

“Somos seres biologicamente amorosos” distingue Humberto Maturana em seus estudos de biologia, o que implica na compreensão de que, como seres humanos

linguajantes somos frágeis e precisamos do acolhimento do outro, sem o qual não sobreviveríamos desde nossa constituição biológica.

Nosotros, los seres humanos, somos seres biológicamente amorosos como un rasgo de nuestra historia evolutiva, de manera que sin amor no podríamos sobrevivir. El bebé nace en la confianza implícita de que con él o con ella habrá nacido una mamá, un papá y un entorno que lo van a acoger, porque si no lo acogen se muere. Por ello, la biología del amor es central para la conservación de nuestra existencia e identidad humana (MATURANA, 2010).

Este fato científico esclarecido pelo biólogo Humberto Maturana, como um emergir de muitos trabalhos outros, nos situam diante de talvez o maior de nossos desafios, dar-nos conta de que nós os adultos somos responsáveis pelo viver que construímos para nós mesmos e deixaremos para nossos filhos, netos, para as futuras gerações. Maturana questiona a narrativa de que crianças são o futuro da humanidade, nós somos. E, como possibilidade incrível, esta crise que nos entristece pelas mortes que acontecem também significa possibilidade de transformações urgentes e necessárias para a conservação do viver. Passado e futuro são sempre um modo de atualização do momento presente. Humberto Maturana ressalta esta responsabilidade que temos todos. Em suas palavras:

Decimos a veces que los niños son el futuro de la humanidad. Nosotros pensamos que no es así, que el futuro de la humanidad somos las personas adultas. Es con las personas adultas con quienes conviven que los niños, las niñas, los jóvenes se van transformando en la convivencia. Esta es nuestra gran responsabilidad. Las personas adultas, ahora, con lo que hacemos, con lo que escogemos, con lo que pensamos, somos el futuro de la humanidad (MATURANA, 2010).

Nesta direção, quais escolhas faremos com o retorno às atividades? Quais serão as atividades que ajudaremos a manter, ou a transformar?

### **PARA SEGUIR PENSANDO, EU ME COLOCO PERGUNTAS**

Perguntas não triviais são aquelas verdadeiras que fazemos na suspensão do que já sabemos e pensamos como válido, para poder abrir espaço e fazer emergir distinções pertinentes no novo momento do viver.

Esta escrita foi tecida com perguntas e com ferramentas teóricas que nos ajudam a refletir. Indico, ao final deste fazer da escrita, algumas pistas que construo e que emergem das perguntas trazidas no texto, para seguir pensando. Posso visualizar

com clareza que algumas atitudes são necessárias no momento da retomada da convivência direta nas comunidades e no trabalho que realizo:

- romper com as formas competitivas que organizam as estruturas em nossa sociedade;

- fortalecer as práticas colaborativas na educação, na saúde, na cultura, na economia, na esfera da ação política e questionar as formas competitivas;

- cobrar de nossos gestores o deslocamento de investimentos para projetos interligados com os mais urgentes problemas das comunidades com as quais cientistas trabalham nas mais diferentes áreas do conhecimento;

- publicizar o conjunto de pesquisas desenvolvidas em nossas universidades, com destaque para o como as pesquisas participam de processos comunitários, na direção do fortalecimento de práticas promotoras de vida, da saúde, da educação, da cultura, enfim, de toda beleza que podemos ser-fazer-sentir na experiência do viver;

- amar mais e mais, porque o amor é o centro do universo e nossa condição constitutiva. Negar esta nossa condição na relação com os outros e com os demais seres neste planeta resulta em desastres, guerras, pandemias e mortes. O convite é para fortalecer o viver.

Então...

Con-versar, dar volta com os outros - respeitando a legitimidade de sua presença, na diferença - reunindo com todos os que querem se/nos ajudar nesta busca incessante de conservação do viver, com alegria, saúde mental, artes e as aprendizagens que nos animam a seguir.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

PORDEUS, Vitor. Immuno Psychiatric Pandemics: the medium is the message. Disponível em: <https://docs.google.com/document/u/2/d/131FZOJ69br69GmtXr4CFgxmGHtyvWye tIrSox6fM-ZM/mobilebasic?fbclid=IwAR3YHIZNUMM2BHMecjfwSAPEnLelbv4Q r3dLWFT8T1GTIINV61WfHWExw>. Acesso em 29 mar. 2020.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, Humberto. **Apontamentos durante Curso Biologia do Conhecer e Biologia do Amar**. Instituto Matriztica, 2006.

MATURANA, Humberto. **Palestra com Prof. Dr. Humberto Maturana Romes** In Málaga a 9 de noviembre de 2010. Disponível em: <<https://aufop.blogspot.com/2012/06/como-es-que-amamos-de-donde-viene.html>>. Acesso em 10 mar. 2020.

ROMESIN, Humberto Maturana; PORKSEN, Bernhard. **Del ser hal hacer**: los orígenes de la biología del conocer. Buenos Aires: Ediciones Granica, 2008.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**: com 269 ilustrações. Petrópolis: Vozes, 2017.